

O ensino das artes visuais na visão de estudantes do fundamental II de escolas públicas e privadas de Recife e Jaboatão

Veruschka Greenhalgh

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Este artigo busca fazer um levantamento sobre o ensino das artes visuais no nível Fundamental II, para tanto foram realizadas entrevistas com estudantes das redes pública e privada de ensino a respeito das aulas de artes. Para a construção deste artigo buscou-se embasamento teórico em autores que defendem o ensino das artes, bem como nas determinações legais da LDB nº 9.394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Ensino. Arte. Estudantes.

Resumen

Este artículo pretende hacer una encuesta sobre la enseñanza de las artes visuales en el II nivel Fundamental, para ambas entrevistas se llevaron a cabo con estudiantes de redes públicas y privadas para la enseñanza de las clases de Artes. Para la construcción de este artículo trató de bases teóricas en los autores que defienden la enseñanza de las artes, así como en las determinaciones legales de LDB Nº 9.394/1996 y los parámetros curriculares nacionales (PCN) para la escuela primaria.

Palabras claves: Enseñanza. Arte. Alumnos.



O presente artigo aborda a questão do ensino da arte na escola no nível Fundamental II. O texto foi fundamentado nos diversos teóricos que defendem o ensino da arte, bem como construído a partir da visão de estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foram realizadas entrevistas com dez estudantes entre 11 e 14 anos, de escolas públicas e privadas do Recife e Jaboatão dos Guararapes, em 2013. Sendo 5 escolas do Recife e 5 de Jaboatão. Entre elas 3 públicas (2 estaduais e 1 municipal).

A pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas que continham 5 questões sobre as aulas de arte: o que fazem nas aulas? gostam das aulas?; sobre o

professor(a): o que ensina? é formado(a)?; e sobre a importância do ensino de arte na escola. Aos estudantes que não tem aula de arte foi questionado sobre o que pensam a respeito disso, se gostariam de ter aula de arte e qual a importância desta.

A pesquisa visa perceber como os estudantes compreendem o ensino da arte na escola, e qual importância atribuem a ele. A pesquisa buscou relacionar os resultados obtidos com as teorias do ensino da arte a fim de aprofundar os conceitos construídos, ao longo da história, sobre a importância do ensino da arte na educação básica e na formação do ser humano.

O pensamento teórico sobre o ensino da arte

O ensino das artes na educação básica, tem sido pensado, defendido, elaborado e construído desde o início do século XX. Na tentativa de distanciar-se de uma educação tecnicista, estudiosos das diversas áreas do conhecimento como pedagogia, psicologia, arte, arte/educação e epistemologia, desenvolveram teorias sobre um educar com emoção. Pensaram uma educação voltada para a estética, para a reflexão e capaz de contribuir para um melhor desenvolvimento humano, livre das amarras mecanicistas e racionais da educação pensada para o mercado produtivo de uma sociedade tecnocrática. Será que juntas, as emoções e a razão não se completariam? Tais questionamentos foram o ponto de partida para as diversas pesquisas desses estudiosos, como relata Duarte:

Foi pensando nisso, que alguns estudiosos e teóricos propuseram uma educação baseada, fundamentalmente, naquilo que sentimos. Uma educação que partisse da expressão de sentimentos e emoções. *Uma educação através da arte*. Esta expressão, criada por Herbert Read em 1943, se popularizou e chegou até nós. Posteriormente, foi abreviada e simplificada para: **Arte-educação**, mas seu espírito original ainda continua vivo (João Francisco Duarte, 1985, p.12, grifo do autor).

Read (1982) defendia um processo educacional, ou de crescimento do indivíduo, apontando para um processo artístico e de auto criação, onde o professor tinha que deixar o aluno livre para poder imaginar o que quisesse e essa imaginação deveria ser repassada para o suporte. Herbert Read entendia a arte e arte-educação dentro do paradigma modernista que enfatizava a expressão. Read foi um estudioso da Arte-Educação que discutiu e defendeu a importância da Arte no processo educativo.

Mas por que a Arte é tão importante na formação do ser humano? Ou ainda. Qual a contribuição da Arte ao desenvolvimento de crianças e adolescentes? As respostas para tais questionamentos foram perseguidos pelos diversos estudiosos como John Dewey,

Lev Vigotsky, Franz Cizek, Viktor Lowenfeld, Jean Piaget, Ana Mae Barbosa e muitos outros. Além de responder essas questões também desenvolveram pesquisas e teorias que viriam provar a eficiência da arte na formação humana.

Segundo Vigotsky (2009), todos os seres humanos são criativos, e essa criatividade para se desenvolver depende de conhecimento. Portanto, desempenha um papel primordial na aprendizagem. E é justamente nesse ponto, onde a Arte-Educação assume a função de estimular, através da arte, a criatividade e a reflexão crítica.

Jonh Dewey (BARBOSA, 2002), defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos para manutenção emocional e intelectual das crianças. Sua proposta pedagógica almeja a educação integral da criança, aliando crescimento físico, emocional e intelectual. Para Dewey o processo de melhor aprendizagem se dá na associação dos conteúdos ensinados com as atividades manuais e criativas. Enfatizando assim a necessidade de se aplicar a Arte na educação.

Franz Cizek (apud OSINSKI, 2001), artista e professor, foi o defensor da ideia da “livre expressão” através da arte. Para Cizek a arte da criança é sagrada e não deve ser destruída, portanto o desenvolvimento da livre expressão é necessário para conduzir a atenção e a capacidade de observação. Ele não mostrava como fazer, mas estimulava a percepção e a observação. Porém, o pensamento de Cizek não foi bem compreendido o que levou a algumas distorções. Professores acreditavam que a “livre expressão” significava deixar as crianças fazerem o que quisessem, sem a interferência dos educadores e consequentemente distanciando-as do desenvolver artístico.

Piaget (2008) entende os desenhos das crianças como produtos de sua própria compreensão de mundo. Com base nas teorias cognitivistas, Piaget considera que a criança, conforme vai crescendo, desenvolve conceitos que são as bases das representações gráficas. Pois as crianças desenharam o que conhecem de si e do mundo.

Viktor Lowenfeld (1976), afirma a autonomia da arte da infância em relação à arte adulta. Considera a arte fundamental no desenvolvimento das crianças, dado que esta é uma forma da criança ter consciência de si própria. Para ele, o desenho seria o resultado das vivências e experiências da pessoa que desenha e não das referências que esta traz ao observar obras de arte e imagens. Suas ideias foram construídas com referência nas teorias do desenvolvimento de Piaget. Lowenfeld divide o desenvolvimento do desenho da criança em estágios, são eles: a Garatuja ou Pré-esquema, que ocorre entre os 4 e 6 anos; o Esquema, entre os 7 e 9 anos; O Realismo Nascente, dos 9 a 11 anos e por fim, o Pseudo Realismo que vai dos 11 a 13 anos.

Posteriormente, Ana Mae Barbosa (RIZZI, 2008) desenvolveu a Proposta Triangular depois denominada de Abordagem Triangular, que consiste no programa de ensino da Arte em três eixos: a contextualização histórica, antropológica, étnica etc da imagem; o fazer artístico e a leitura da imagem. É o que, efetivamente conduz à construção do conhecimento e compreensão da arte. Pensada inicialmente para a educação em museus, adaptou-se perfeitamente ao contexto escolar. Ainda hoje a “Abordagem Triangular” é a base da maioria dos programas de ensino da Arte no Brasil.

Como pudemos ver, cada linha teórica tem em sua base as ideias que justificam e explicam o percurso da produção plástica da criança, o seu desenvolvimento emocional e intelectual a partir da educação em arte. Portanto, comprovam a importância de educar com arte. Partindo dessa constatação, se acentuou a luta desses teóricos, dentre outros não mencionados, para que a Arte passasse a fazer parte do ensino regular.

No Brasil, educadores inspirados em tais pensamentos os adaptaram à realidade brasileira. Porém, não foi fácil a trajetória do ensino da Arte no País, que foi marcada por muitas lutas, perseguições políticas em períodos de ditaduras e más interpretações no que diz respeito às suas metodologias. Mas apesar de todas as dificuldades, o ensino da Arte foi tornado obrigatório no Brasil em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – Lei 5692/71.

Nas décadas de 80/90, com a promulgação da Constituição em 1988, tornou-se necessária a elaboração de nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. A nova LDB - Lei 9.394/96, também chamada Lei Darcy Ribeiro, manteve a obrigatoriedade da Arte na educação básica como consta no Artigo 26, parágrafo 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 2010, p. 23). Posteriormente, o mesmo parágrafo do artigo 26 sofreu algumas alterações em sua redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010, resultando no texto: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 2013). Nesse caso, fica determinado que as especificidades regionais devem ser respeitadas e trabalhadas dentro de seu contexto, possibilitando ao estudante uma relação próxima com sua própria cultura e suas manifestações e não apenas com a cultura hegemônica e erudita.

Essa medida contribuiu para o engajamento dos arte-educadores na luta para incluir a Arte nos currículos escolares em todos os níveis da educação básica, como também nas diversas modalidades de ensino. Esta deve englobar tanto as escolas particulares como as públicas, rompendo com a ideia elitizada da arte, tornando-a acessível a todas as camadas sociais. Todavia, ainda há um grande abismo entre estas escolas no que diz respeito às metodologias e práticas do ensino da arte. Embora seja possível encontrar escolas públicas que tratam o ensino da arte com seriedade e responsabilidade. Ao mesmo tempo, nos deparamos com escolas privadas que desprezam o reconhecimento da importância do ensino da arte. Além desses abismos, ainda há a alegação de algumas instituições que insistem em afirmar que a LDB não obriga o ensino da arte em “*todo*” o ensino Fundamental e Médio, segundo a interpretação do trecho da Lei nº 9.394/96 que diz: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos *diversos níveis* da educação básica” (BRASIL, 2013, grifo nosso).

Para dar suporte à nova LDB - Lei nº 9.394/96. Começaram a ser elaborados em 1995, e foram concluídos em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN. São diretrizes que orientam a educação para os níveis de ensino Fundamental e Médio e

são separados por disciplina. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Não possuem caráter de obrigatoriedade e não constitui um conjunto de regras a serem seguidas na íntegra, são apenas uma referência de objetivos, conteúdos e didática do ensino.

Os PCN indicam como objetivos do ensino Fundamental, dentre outros, que os alunos sejam capazes de:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p. 7).

Logo na apresentação do documento PCN em Arte para o Ensino Fundamental, o documento defende a arte como manifestação humana. E devido a sua característica criativa, comunicativa e de apreciação a arte se constitui um importante espaço reflexivo e dialógico que possibilita aos alunos “entender e posicionar-se diante dos conteúdos artísticos, estéticos e culturais incluindo as questões sociais presentes nos temas transversais” (BRASIL, 1998, p.15).

Na introdução do mesmo documento a arte é reconhecida pela legislação educacional brasileira como relevante na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica.

A arte é vista como:

[...] área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. [...] Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. (BRASIL, 1998, p.19-20).

Como vimos até aqui, muito se discutiu e ainda se discute e se pensa sobre o ensino da arte, muitos foram os teóricos das diversas áreas do conhecimento que elaboraram o que hoje possuímos como legado para a arte/educação. Foram muitas conquistas legais para se estabelecer a área de Arte obrigatória no ensino básico.

Mas como os estudantes veem o ensino da arte? O que pensam? O que querem? O

que esperam? Qual é a opinião dos adolescentes em relação à Arte? Essa pesquisa foi em busca dessas respostas diretamente com os estudantes, entrevistando-os e escutando-os sobre essas questões, afinal são eles os principais protagonistas da relação ensino/aprendizagem.

Análise das entrevistas

Para melhor entendimento das análises das entrevistas o QUADRO 1 representa um resumo geral dos entrevistados e as respectivas escolas em cada um estuda, os nomes dos estudantes são fictícios para evitar a exposição pública na identificação dos entrevistados.

QUADRO 1- Relação dos estudantes e dados sobre as escolas em que estudam

Estudante	Idade	Ano	Escola	Rede	Localidade	Aula de Arte?
Isa	11	6º	A	Particular	Jaboatão	Sim
Nise	12	7º	B	Pública Estadual	Recife	Sim
Math	14	8º	C	Pública Municipal	Jaboatão	Sim
Lena	13	8º	D	Particular	Jaboatão	Sim
Mila	13	8º	E	Particular	Jaboatão	Sim
Ana	12	8º	F	Particular	Recife	Não
Felix	13	9º	G	Pública Estadual	Recife	Sim
Lari	13	9º	H	Particular	Jaboatão	Não
Laila	13	9º	I	Particular	Recife	Sim
Karen	14	9º	J	Particular	Recife	Sim

Dos estudantes entrevistados, apenas 2 que (representam 20% do total investigado) não tem aulas de arte, ambas de escolas particulares. Uma cursando o 8º ano, aprendeu Arte apenas nos 6º e 7º anos. Segundo a coordenação da escola, a orientação da LDB/96 indica obrigatoriedade em apenas algumas séries do Fundamental, portanto a escola não oferece as aulas no 8º e no 9º anos. Mas a escola conta com aulas de teatro como atividade complementar opcional em horário diferente da grade curricular obrigatória. Já a outra estudante não tem aulas de arte desde o 6ª ano, em sua escola só são oferecidas até o 5º ano.

Do quantitativo pesquisado, 80% das escolas têm aulas de arte no seu currículo como disciplina obrigatória. Dentre os conteúdos teóricos ensinados estão a História da Arte, a biografia de diversos artistas, a descrição e características de estilos, técnicas utilizadas pelos artistas e as modalidades artísticas. Dentre os estilos trabalhados foram

mencionados abstracionismo, abstracionismo informal, expressionismo, impressionismo e “escultura antiga”.

Apenas 2 (20%) alegaram não ter aulas práticas. Uma das estudantes desabafa a insatisfação em não realizar a prática em arte na escola:

Não gosto da aula de arte, porque a professora só passa trabalho escrito. Tarefa do livro e leitura da apostila de arte. Respondemos as perguntas sobre arte na apostila. Até agora não tivemos aula prática. (Laila, 13 anos, 9º ano).

Os demais que representam 60% dos entrevistados têm atividades práticas envolvendo desenho e pintura utilizando diversos suportes, além das aulas teóricas. Como comenta uma das estudantes: “Desenho e faço trabalho escrito sempre relacionado ao tema dado pela professora” (Nise, 12 anos, 7º ano). Os 20% restantes são os que não têm aula de arte.

Na questão referente à formação do professor em arte, 4 (40%) disseram não saber, sendo que uma afirmou que professor esse ano ensina Arte, mas no ano passado ensinou Geografia. Os outros 40%, ou seja, 4 estudantes afirmaram que sim, sendo que 3 deles são professores(as) das escolas da rede pública. Os 20% restantes não tem aulas de arte.

Sobre a questão: “você gosta da aula de arte?”, 60% dos entrevistados disseram que sim. E entre as opiniões que justificam as respostas estão:

Gosto, porque trás a cultura para a gente (Isa, 11 anos, 6º ano);

Sim, porque a aula de arte é mais interessante, mais calma e é melhor que as outras (Nise, 12 anos, 7º ano);

Sim, porque a gente se diverte (Math, 14 anos, 8º ano);

Adoro, acho divertido, a gente se expressa. Nas outras aulas só escreve (Lena, 13 anos, 8º ano);

Sim, aprendo sobre a cultura (Mila, 13 anos, 8º ano).

Sobre a mesma questão, 20% disseram não gostar porque só fazem trabalhos escritos. Aos 20% que não tem aulas de arte foram questionados se gostariam de ter aulas de arte na escola e afirmaram que sim, porque gostam de arte e gostariam de aprender a desenhar. Na opinião de Ana, que já teve aulas no 6º e 7º anos, podemos sentir, nessa fala, que a falta das aulas de arte pode desestimular o estudante(a) no aprendizado do desenho ou de outras práticas artísticas, e até mesmo no interesse pela arte.

Acho um absurdo, porque tem um monte de gente que gosta e sabe desenhar e não tem como aprender a melhorar o desenho. (Ana, 12 anos, 8º ano).

Em relação às atividades, pudemos observar que os estudantes deram ênfase ao desenho como atividade artística principal, seguido por pintura. Fato este que pode comprovar algumas teorias do desenvolvimento gráfico da criança e do adolescente, como a teoria defendida por Viktor Lowenfeld (1976) a respeito das etapas do desenvolvimento no qual adolescentes na faixa etária dos entrevistados, ou seja, dos estudantes do 6º ao 9º, ano se encontram na fase do Pseudo Realismo que vai dos 11 a 13 anos. Portanto nessa fase se fixam mais no desenho do que na pintura. Como defende também a autora Maria Helena Rossi quando aponta para a importância do desenho na vida da criança e adolescente, quando afirma: “O desenho, além de ser um meio de expressão de subjetividades, é um meio de comunicar ideias, pensamentos, visões de mundo; é expressão e comunicação. Como linguagem, é passível de ser ensinada e aprendida” (ROSSI, 2012, p. 09).

No quesito: “você acha importante ter aulas de artes?”, perguntado a todos os entrevistados(a) (inclusive aos que não as têm), percebe-se que as respostas foram positivas, com exceção de uma que informou não achar importante por que: “fala o que já passou, e isso é chato, para que saber do passado se a gente tá no presente e depois vem o futuro?” (Karen, 14 anos, 9º ano).

Os demais reconheceram a importância de se ensinar arte na escola e também em ter a arte na vida das pessoas, como podemos verificar em alguns depoimentos:

Sim, porque relata a vida dos pintores e que a gente conhece mais sobre os pintores por que relaxa e faz a gente pensar melhor (Nise, 12 anos, 7º ano);

Sim, porque é igual as outras matérias que a gente precisa aprender. É necessário para poder aprender a desenhar melhor (Math, 14 anos, 8º ano);

Acho. Acho legal, divertido a pessoa aprende mais (Lena, 13 anos, 8ºano);

[...] Acho, Porque a gente aprende sobre as coisas que aconteceram no passado, em relação as pinturas e os artistas (Mila, 13 anos, 8º ano);

Sim, Porque a gente aprende muitas coisas em relação as técnicas que os artistas utilizavam e sobre a cultura (Felix, 13 anos, 9º ano);

Sim, Porque fala da História da Arte, só é ruim porque não fazemos arte (Laila, 13 anos, 9º ano).

Pudemos observar, nas falas dos entrevistados(a), que se referem a Arte como algo do passado: os artistas do passado; obras do passado e História da Arte como História Antiga, ou seja, do passado. Em nenhum momento se referiram à arte contemporânea e seus diversos movimentos artísticos, como conteúdos estudados em sala de aula. Sobre o tema da arte contemporânea no contexto escolar, Kelly Bianca Clifford Valença da Universidade Federal de Goiás, realizou uma pesquisa, em 2003, também em escolas públicas e privadas do Recife com docentes de artes dos ensinos fundamental e médio e constatou que: “imagens de arte contemporânea, bem como o próprio tema, eram pouco abordadas, evitadas ou até mesmo banidas da sala de aula” (VALENÇA, 2009, p.3402).

Ainda sobre a questão da importância de aprender arte na escola, merece destaque o depoimento de uma estudante que não tem aula de arte na escola, mas já teve e estuda teatro em contexto não-formal. O seu depoimento sintetiza os diversos pensamentos em relação a arte e seu ensino:

Claro. Arte é cultura. Imagine o mundo sem cultura. Arte não só forma o pintor e o escultor não, ela forma gente inteligente, sensível e com opinião própria que não é manipulado pela mídia (Ana, 12 anos, 8º ano).

Ainda com base nas respostas e depoimentos, é possível perceber a relação que os estudantes fazem entre a Arte e a Cultura. Aprender arte, na opinião deles(as) é aprender sobre a cultura, sobre nós mesmos e sobre nosso passado. É interessante destacar como associam a arte com a cultura, como se a cultura fosse o capital cultural da elite que deve ser almejado por todos a despeito da valorização da cultura popular não europeia. Neste ponto surge a questão que arte-educadores engajados no ato de ensinar devem sempre procurar responder: “que arte está sendo ensinada na escola?”

Em fim, para os(a) estudantes entrevistados(as) o ensino da arte é importante, porque a arte possibilita o acesso a uma vida melhor com mais sensibilidade para ver e entender o mundo e aprender mais sobre diversos conteúdos.

Considerações finais

Diante de tudo que foi apresentado nesta pesquisa, pudemos constatar que o ensino da arte, pelo menos no universo investigado, apresentou-se positivamente. Percebemos que os estudantes têm consciência da importância da arte e seu ensino nas escolas, e que não é apenas um fazer arte por arte, mas envolve pesquisa, estudo, contextualização histórica e antropológica.

Constatou-se o interesse pelas aulas de arte, mesmo nos que afirmaram não gostar, pois gostariam se os conteúdos fossem trabalhados de forma diferenciada.

E por fim, ao relacionar os resultados da coleta de dados com as teorias sobre o ensino da arte apresentadas no início deste artigo, pudemos perceber a sintonia entre pressupostos teóricos que afirmaram a necessidade da arte na educação e a percepção desta necessidade, mesmo que de forma leiga e do senso comum, pelos(as) estudantes do Ensino Fundamental.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. *Jonh Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 5. ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília - DF: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)] LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília – DF, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 de agosto de 2013

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC / SEF, 1998.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Por que arte-educação?* 2. Ed. - Campinas: Papi-rus, 1985.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

OSINSKI, D. *Arte, história e ensino : uma trajetória*. São Paulo: Cortez, 2001.

PIAGET, Jean. *A educação artística e a psicologia da criança*. Disponível: <http://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/educacao-artistica>. Publicado em: 11 de junho de 2008. Acesso em: 16/03/2013

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RIZZI, Maria Cristina Machado. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In: Ana Mae Barbosa. (ORG.) *Ensino da Arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. – (Estudos; 248/ dirigida por J. Guinsburg). (p. 335-348)

Rossi, Maria Helena Wagner. *Fundamentos da prática do desenho na escola*. Disponível em: www.revista.art.br/CONFAEB2012/PROGRAMA.pdf - 2012. Acesso em: 21/03/2013

VALENÇA, Kelly Bianca Clifford. *Arte contemporânea no contexto escolar: ausências*



e resistências. in: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Transversalidades nas Artes Visuais, 18°. 2009, Salvador, Bahia. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/kelly_bianca_cliford_valenca.pdf. Acesso em: 20/07/2013

VIGOTSKY, Lev, *A imaginação e a arte na infância*. Lisboa: Relógio D'água, 2009.